



“A Europa precisa de assumir uma maior responsabilidade pela sua própria defesa. Precisa de se tornar mais resiliente, mais eficiente.”

Os Estados-membros serão sempre responsáveis pelas suas forças armadas. Ao mesmo tempo, temos um interesse comum em cooperar mais estreitamente a nível europeu.”

António Costa
Presidente do Conselho Europeu

setor-chave para o mercado único, e que passará pela construção de uma “União Europeia da Defesa”. Neste sentido, e de forma a enquadrar esta nova abordagem e identificar os investimentos em defesa necessários, Ursula von der Leyen comprometeu-se a apresentar um livro branco sobre o futuro da defesa europeia nos primeiros cem dias do seu mandato, encarregando a chefe da diplomacia do bloco, a estónia Kaja Kallas, e o comissário com a pasta da defesa, o lituano Andrius Kubilius, de elaborarem o documento, que contará com as sugestões dos líderes dos 27 saídas do retiro informal de hoje.

De acordo com um documento elaborado por Elena Lazarou, do Serviço de Estudos do Parlamento Europeu (EPRS), este livro branco deverá delinear o caminho para iniciativas-chave, “como um escudo aéreo europeu para reforçar a defesa aérea em todo o continente e expandir as capacidades de defesa cibernética; cooperação mais estreita entre a UE e a NATO; despesas de defesa mais eficientes dos Estados-membros da UE; a redução das dependências externas nas compras no domínio da defesa; e aumento da colaboração intra-UE em questões industriais, de inovação, de aquisição e de produção”.

Lazarou refere ainda que “os especialistas concordam ampla-

mente que um dos principais desafios a enfrentar é o de como aumentar o financiamento para a indústria de defesa, nomeadamente através da concessão de incentivos aos investidores e da criação de economias de escala; uma avaliação clara das necessidades de defesa da UE; e coordenação entre as muitas iniciativas de defesa da UE propostas nos últimos anos”.

Trump e a Gronelândia

De fora da carta-convite de Costa para o retiro informal ficou Donald Trump, ignorando o que o presidente dos Estados Unidos tem dito sobre os países da NATO aumentarem para 5% do PIB as despesas militares, bem como as ameaças sobre a Gronelândia, um território autónomo da Dinamarca. No entanto, segundo fontes diplomáticas adiantaram ao Político, a ordem dos trabalhos terá sofrido alterações para incluir discussões sobre a relação entre a Europa e os Estados Unidos de Trump. Uma decisão que terá sido tomada depois dos encontros que a primeira-ministra dinamarquesa, Mette Frederiksen, teve na terça-feira com o chanceler alemão, Olaf Scholz, o presidente francês, Emmanuel Macron, e o secretário-geral da NATO, Mark Rutte, a propósito da ameaça de Trump sobre a Gronelândia, e dos quais recebeu total apoio na matéria.

O novo secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, falou na quinta-feira sobre o desejo de Donald Trump comprar a Gronelândia, dizendo que “isto não é sobre adquirir terra para o propósito de adquirir terra. Isto é no nosso interesse nacional e precisa de ser resolvido”. “Ele não vai começar o que ele vê como uma negociação ou uma conversa tirando uma vantagem de cima da mesa, e essa é uma tática que é usada sempre em negócios”, prosseguiu Rubio, referindo-se à recusa do presidente dos EUA em descartar a possibilidade de tomar o território da Dinamarca pela força. “E tem sido aplicada na política externa e penso que com grande efeito no primeiro mandato”.

O ex-senador da Florida abordou ainda a guerra na Ucrânia e o seu desfecho, tendo afirmado que, na perspectiva de Donald Trump, “em qualquer negociação os dois lados têm de ceder algo”, sublinhando ainda que “apenas os Estados Unidos, sob a liderança do presidente Trump, podem tornar isso possível”.



O primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, e o secretário-geral da NATO, Mark Rutte, são convidados de Costa.

Entre os parceiros não-União Europeia está o Reino Unido, que abandonou o bloco há cinco anos, mas que, na opinião de António Costa “é um parceiro-chave para a União Europeia, notavelmente no campo da defesa”, como se prova pelo convite para jantar hoje feito ao primeiro-ministro britânico, Keir Starmer, e que mar-

cará a primeira vez que o trabalhista se encontrará com todos os líderes dos 27. Starmer, um assumido pró-europeu, propõe um “reinício” das relações entre as duas partes, mas com as condições que assumiu durante a campanha eleitoral, recusando reentrar no mercado único e união aduaneira europeus e reabrir as

fronteiras à livre circulação de pessoas. No que diz respeito à Ucrânia, Starmer foi a Kiev em meados de janeiro para assinar um acordo histórico de cooperação por cem anos entre os dois países, prometendo apoiar a resistência à invasão russa até ao fim.

Livro branco da defesa

A 18 de julho, durante a apresentação das suas linhas políticas, a então presidente-eleita da Comissão Europeia identificou a defesa como uma prioridade e um